A educação e a cultura sob o olhar da interculturalidade

Ana Márcia da Silva Vieira (Professora da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro)
<https://orcid.org/0000-0002-4118-5123>

Débora Alves Morra Loures (Pedagoga, Secretária Municipal de Educação na Rede Municipal de Ensino de Mendes)
<https://orcid.org/0000-0002-0133-3814>

Paloma Mendes Flores Brandão (Professora da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro)
<https://orcid.org/0000-0002-7114-9545>

Resumo

Este artigo discute o papel da escola no contexto geral diante das cartografias da diferença, que neste artigo se expressa através da arte, do multiculturalismo existente na sociedade. As igualdades e diferenças precisam de espaço, e é necessário um diálogo multicultural, que tenha como norte a interculturalidade, para que o humanismo se expresse e se desenvolva. Professores e escolas têm esta missão de preparar o aluno para a autonomia, preservando incondicionalmente a infância e a adolescência. A educação e a cultura são indissociáveis, tanto no âmbito escolar quanto na vida. O universo da pesquisa, quanto à metodologia, contemplou a análises bibliográficas que serviram de base para a construção da crítica aqui proposta.

Palavras-chave: Arte. Cultura. Criança. Educação. Interculturalidade

Data de submissão: 11/09/2018

Data de aprovação: 16/10/2018

Abstract

This article discusses the role of the school in the general context of cartographies of difference, which in this article is expressed through art, of multiculturalism existing in society. Equalities and differences need space and a multicultural dialogue, with interculturality as its core, is necessary for humanism to express itself and to develop. Teachers and schools have this mission to prepare the student for autonomy, preserving unconditionally the childhood and adolescence. Education and culture are inseparable both in school and in life. The universe of the research, regarding the methodology, contemplated the bibliographical analyzes that will serve as basis for the construction of the criticism proposed here.

Keywords: Art. Culture. Education. Interculturality

Introdução

As exposições culturais permitem o contato com obras de arte; elas também têm a capacidade de despertar o olhar crítico sobre a cultura em suas múltiplas instâncias. A sensibilidade despertada pela arte é uma mola propulsora do protagonismo, da capacidade crítica.

Ao apreciarmos uma exposição cultural, despertamos a capacidade de perceber as diferenças no processo intercultural existente na sociedade, formado pelas ideologias. Ao entrar em contato com novas formas de pensamento, de expressão, é possível interpretar o próprio eu, passando a olhar o entorno através da perspectiva do outro, ou de outras formas de contextualizar múltiplos conceitos interculturais, que são diversificados e com significados que adquirem novos contextos no decorrer da história, mas que exigem que sejam contemplados de maneira sensível, reflexiva e crítica.

O diálogo intercultural ganha sentido no momento em que, apesar da existência de lógicas culturais distintas entre os sujeitos participantes, estabelece-se um diálogo mútuo baseado em diferentes conceitos e ideologias que devem ser respeitados. O processo educativo é responsável por contextualizar diálogos multiculturais na prática pedagógica.

Desse modo, Azibei (2003) afirma que “a intenção do diálogo que caracteriza a intercultural supõe atitude de respeito pelos valores da outra”.

Mesmo vivendo no século XXI, em que a facilidade de acesso à informação deveria nos colocar à frente do nosso tempo, este fator parece nos puxar para tempos remotos sujeitos a manipulação por falta de conhecimento, o que a princípio pode parecer um paradoxo.

A sociedade diante destes cenários artísticos, nos quais se expressam culturas, crenças e distintas pedagogias, posiciona-se muitas vezes entre limitar ou censurar, e acaba denotando a incapacidade humana de ir além de si mesma, de aprender com o outro, de refletir sobre o contexto principal, e termina por repudiar o diferente, a favor de valores monocromáticos, despidos de reflexão, diálogo e observação da realidade como um todo.

Para Adorno (1995, p.15), o problema está no “confronto com as formas sociais que se sobrepõem às soluções racionais, onde a questão maior está no fato de cada um julgar-se esclarecido sem sê-lo, sem dar-se conta da falsidade de sua própria condição”.

Adorno (1995, p.25) destaca que o travamento destas experiências “deve-se à repressão do diferenciado em prol da uniformização da sociedade administrada, e a repressão do processo em prol do resultado, falsamente independente, isolado”, características essas que padronizam o comportamento dos indivíduos em torno de interesses intrínsecos de uma cultura industrial, que subjetiva, retifica e aliena as práticas sociais.

A pergunta é como o professor pode levar esta discussão para a sala de aula e preservar a mente das crianças e jovens, que precisam de espaço para crescer e se desenvolver como um ser social?

De acordo com Adorno (1995, p. 9), “quem defende a manutenção da cultura radicalmente culpada e medíocre, converte-se em cúmplice, enquanto aquele que recusa a cultura promove imediatamente a barbárie que a cultura revelou ser”. Precisamos como professores refletir sobre a cultura emancipadora que queremos ajudar a florescer.

O desafio atual de aceitação das diferenças e da urgente necessidade de promover o respeito entre os seres humanos na sociedade é descrito por Azibei (2003, p. 98), que afirma: “se vamos ao encontro

da outra para conhecê-la, e com a disposição de dialogar, não podemos nos limitar a julgá-la – e a sua cultura – apenas a partir dos nossos valores e pontos de vista”. O autor nos remete à necessidade da perspectiva dialógica, na qual aceita os diferentes pontos de vista sem impor o seu próprio como dominante ou o único a ser aceito, caracterizando, assim, com respeito por si mesmo e pelo outro, a não promoção da exclusão.

É fundamental em todas estas instâncias preservarmos as crianças e os jovens, pois cabe às famílias educarem seus filhos de acordo com o que consideram o caminho da felicidade. No entanto, direitos e deveres existem para todos; por este motivo, o papel do Estado na educação deste público vulnerável é estabelecer as leis de cidadania, instituindo os limites que todos devemos seguir para o florescimento de uma sociedade democrática.

Metodologia

A metodologia utilizada é de ordem qualitativa, bibliográfica e se constitui na busca de conceitos e autores que discutam a multiculturalidade e interculturalidade e seu papel social nas escolas.

Nesta busca metodológica, trouxemos conceitos que nos afirmam que somos um povo multicultural, e isto se reflete nas salas de aula, com crianças e jovens vindos de diferentes locais, com crenças diferentes, pedagogias próprias, culturas diversas, o que enriquece a escola e que muitas vezes se perde, pela falta de visão de que a educação é um espaço de acolhimento, proteção e amorosidade.

Promover a interculturalidade deste conjunto riquíssimo de experiências é o nobre papel do professor ao executar o seu trabalho na escola.

Com esta estratégia, o artigo discute a relação da educação e da cultura objetivando o reconhecimento da diversidade cultural existente nas escolas, de forma a provocar o debate reflexivo que os espaços escolares podem promover sobre a interculturalidade. Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas que abordam o processo intercultural, respaldadas em Adorno (1995), Azibei (2003) e Candau (2012 e 2016), permeando assim a importância da cultura, e da arte na (re)construção do processo educativo.

Por meio deste artigo, apresentaremos um debate sobre as diferenças presentes nesse século levando em conta as múltiplas pluralidades culturais presentes na sociedade e que se refletem na educação e na arte. Será fundamental o reconhecimento da pluralidade de culturas, sem abrir mão da educação humanizada, na qual crianças e jovens são o nosso público mais vulnerável e exposto a todo tipo de ideologias.

Desenvolvimento Teórico

Arte, Educação e mídia de massa

No ano de 2017, houve três acontecimentos culturais no Brasil que tiveram repercussão internacional. Esses eventos, que abordavam questões de gênero, diversidade sexual e violência, entre outros temas, foram divulgados pelas mídias e polemizados através de um debate multicultural realizado pela sociedade e que se estendeu às escolas.

O primeiro, a exposição cultural Queermuseu: Cartografias na Arte Brasileira, esteve em cartaz em agosto de 2017, em Porto Alegre, e reuniu mais de 270 obras de 85 artistas plásticos, muitos de renome no setor artístico. O objetivo da exposição foi a exploração da diversidade de gênero, de sexualidade e a da diferença cultural da arte em períodos diversificados da história. A exposição foi encerrada devido a críticas e censuras advindas de diferentes instâncias, com argumentos para o fechamento das exposições referentes à faixa etária e acerca de pedofilia, zoofilia e por ser ofensiva à moral cristã.

Ressalte-se que neste contexto movimentos ideológicos estranhos à educação ganham força, assim como críticas feitas por grupos religiosos. Mas isto acontece pela falta de parâmetros gerais sobre educação de crianças e jovens, que precisam ser preservados deste tipo de confronto com a pedofilia, zoofilia. A criança e o jovem devem ser preservados de caricaturas do que a sociedade considera de mais nobre na espiritualidade do povo. À mídia de massa interessa essa distorção.

O adulto pode - como diziam Sócrates e Epicuro, na Grécia Antiga - escolher o caminho que bem entender para a sua felicidade, mas a criança e o jovem não desenvolveram ainda as habilidades de lógica, percepção e abstração, e por este motivo devem ser preservados da exposição à pedofilia, à zoofilia. E quem tem que estabelecer as leis de acesso a estes eventos que tratam deste tema é o Estado. Em casa, as famílias podem educar seus filhos, mas em sociedade quem forma o cidadão é o Estado, e isto é uma questão de segurança e saúde pública.

Após o cancelamento e críticas à exposição, um projeto de lei foi apresentado exigindo a classificação indicativa para eventos culturais em museus e galerias de arte. Esse projeto previne a ocorrência de violação do direito à criança e ao adolescente, permitindo aos pais a escolha do que é apropriado ou não para seus filhos, o que vem ao encontro do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei Federal nº 8.069/1990).

Segundo Cássio de Oliveira (2017), doutor em Estética e Filosofia da Arte pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), o cancelamento da exposição Queermuseu se deu por um único motivo, “porque hoje nós temos um contexto de pouco apreço à liberdade de expressão, que ameaça o poder transgressor da arte”.

Ressalte-se que o fechamento da exposição não impediu a sociedade de participar de um debate multicultural com diferentes grupos, permitindo, dessa forma, a reflexão sobre diferentes formas de pensar, de construir o crescimento mútuo através do diálogo.

Muito se discutiu sobre esse tema nas redes sociais, nos zaps, no Facebook, nos bares e nas redes de vôlei, espaços nos quais os adultos podem interagir.

Outra exposição artística sobre a nudez e com faixa etária descrita causou muita polêmica: uma menina, acompanhada da mãe, toca os pés do artista Schwartz, que estava nu, durante uma performance chamada “La Bête”, criada a partir de uma exposição de Lygia Clark, perpassando a arte de um quadro através de uma obra viva, em que o espectador se torna atuante na obra, dando uma visão livre sobre a representação da peça.

A mesma situação de crítica foi elevada na sociedade, reiterando a desproteção à criança e possível “apologia à pedofilia”, demonstrando, com isto, que a implantação de leis é necessária frente aos direitos da criança, que se sobrepõem e devem enlaçar os debates interculturais.

Registra-se também outro episódio cultural polêmico com a apresentação da peça “O evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu”, em Santo Amaro, zona sul da capital paulista, cujo objetivo seria a refle-

xão sobre o preconceito relativo às questões de gênero, representado na performance de uma mulher transgênero no papel de Jesus.

Analisando as três exposições, alvos de discordâncias e julgamentos, surgem alguns questionamentos quanto ao papel da arte e da liberdade de expressão na sociedade atual, em que esta mesma sociedade, por estar inserida em uma era em que a informação chega de forma rápida e volumosa, abstrai o diálogo, a reflexão e a proteção dos grupos vulneráveis.

Por falta desta análise dialógica, reflexiva e protetiva, o que é diferente é rechaçado, independente do que esteja sendo veiculado. A reflexão é levada a criticar sem ter o domínio necessário para tal, o que em alguns casos leva à intolerância, abrindo brechas para manipulação por parte de outras instâncias desta mesma sociedade.

O Papel da Arte na Educação

Desde os tempos primórdios, a arte sempre esteve presente na constituição da sociedade, desde a representação dos desenhos em cavernas até as diferentes formas de expressão dos dias atuais advindas de diferentes culturas.

O ensino da arte favorece o desenvolvimento criativo, imaginário, a sensibilidade e o autocontrole, indo além do que é proposto nas escolas de Educação Básica na atualidade. Permite bem mais que simples apreciação, desperta a sensibilidade humana da qual é expressa além de palavras e gestos, mas de aproximação profunda ao outro e a si mesmo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 23),

As formas artísticas apresentam uma síntese de significações construídas por meio de imagens poéticas (visuais, sonoras, corporais, ou de conjunto de palavras, como no texto literário ou teatral). Não é um discurso linear sobre objetos, fatos, questões, ideias e sentimentos. A forma artística é antes uma combinação de imagens que são objetos, fatos, questões, ideias e sentimentos, ordenados não pelas leis da lógica objetiva, mas por uma lógica intrínseca ao domínio do imaginário. O artista faz com que dois e dois possam ser cinco, uma árvore possa ser azul, uma tartaruga possa voar. A arte não representa ou reflete a realidade, ela é a realidade percebida de outro ponto de vista.

A disciplina de arte com os seus respectivos conteúdos perpassa toda e qualquer temática, permite o olhar reflexivo da realidade intercultural, desperta questionamentos e permite a resignificação do mundo das quais são reveladas de maneira artística, em que a boca não necessariamente fala, mas a sensibilidade permite esta comunicação entre quem cria e quem contempla.

Uma exposição artística, própria às idades dos alunos, seja ela escolar ou profissional, permite este encontro, estimula o desenvolvimento de uma cultura interdisciplinar e transversal, estimula um expor-se ao mundo, podendo ser vista pelo olhar do outro, abrindo espaço para o debate, conflito, a pluralidade e o respeito às diferenças.

Segundo Azibeiro (2003, p. 87), “estes diferentes olhares admitem a existência de diferentes culturas, mas buscam entender a singularidade e a originalidade de linguagens, valores, símbolos e estilos diferentes de comportamento que são tecidos pelas pessoas em seu contexto histórico e social peculiar”.

A inserção do despertar artístico objetivando aguçar a curiosidade do outro às culturas diferenciadas, aos diferentes valores, aos costumes, às crenças, aos modos de pensar, aos modos de ver o mundo, perpassa o reconhecimento e o respeito a essas distinções, permitindo a observação de si mesmo e a valorização do outro, respeitando as diferenças e contemplando a diversidade.

Desafios da Educação Contemporânea – Proteger as crianças e jovens e abrir espaço para as diferenças

Candau (2012) permite uma reflexão acerca do espaço escolar, no qual ainda se constitui diante da igualdade, enfatizando um único tipo de cultura como predominante que acaba por desconsiderar a diferença e a pluralidade cultural e os diferentes modos de pensar e ser. A escola como espaço onde as diferenças culturais encontram-se tão acentuadas e presentes não pode limitar-se a hegemonia, mas de acordo com Azibei (2003 p.87),

A escola pode configurar seus processos educativos com base nas relações interculturais: a interação crítica e dialógica se torna mais fecunda e educativa na medida em que as pessoas buscam compreender não só o que cada uma quer dizer, mas também os contextos culturais a partir dos quais seus atos e suas palavras adquirem significado.

Nossas vidas, tanto social, cultural como intelectual, se constituem a partir de um princípio moral que repugna o que é diferente. Mas o que vem a ser igual? O que vem a ser diferente? Quem define esse padrão social?

Adorno (1995, p. 15) retrata a ideia de que a formação do indivíduo nas escolas para a execução do trabalho social leva a ciência a se converter também em força produtiva. Segundo ele,

(...) o quadro mais avassalador dessa situação é o capitalismo tardio de nossa época, embaralhando os referenciais da razão nos termos de uma racionalidade produtiva pela qual o sentido ético dos processos formativos e educacionais vaga à mercê das marés econômicas. A crise da formação é a expressão mais desenvolvida da crise social da sociedade moderna.

Nesse contexto, a escola, enquanto formadora da identidade do sujeito, limita-se à formação pelo trabalho, em que “a crise da formação cultural, a deficiência da experiência cultural continuada, constitui a característica da modernidade, colocando em xeque assim a noção de ‘progresso’”. (Adorno, 1995, p.19).

Azibei (2003, p. 85) destaca a constituição das escolas ainda regidas em prol da igualdade e uniformização do ensino, porém a demanda social cada vez mais plural e complexa exige um repensar de paradigmas e posturas, nos quais se faz necessário pensar práticas e o contexto escolar de “educar para uma cidadania plural”. Neste sentido, “articular igualdade e diferença, a base cultural comum e expressões da pluralidade social e cultural constituem hoje um grande desafio para todos os educadores”. (CANDAU, 2002, p. 9).

A diferença é o que faz de nós únicos diante da vida, respeitá-la é primordial, e inserir este conceito ao contexto escolar é o que permite uma ressignificação da realidade da qual vivemos. Respeitar essas diferenças é compreender a interculturalidade existente nos espaços escolares.

É fundamental que os professores se permitam a mudança, de modo a favorecer esse novo olhar em sala de aula, reconhecendo inicialmente a subjetividade de cada aluno, respeitando estas diferenças e permitindo que elas aflorem de maneira a perceber o outro como diferente tanto em ideias, valores e conceitos, fomentando esta visão como complemento a valores próprios.

O desafio da educação atual está em unir as diferenças, de modo respeitoso, onde um agregue e respeite os valores ao outro. A humanização necessita ser o primórdio para uma educação plena, não apenas cognitivista, mas em sua totalidade, em especial, de maneira a respeitar quem somos, permitindo que a sociedade sobreviva e verdadeiramente seja capaz de alcançar o progresso.

Educação a partir de um olhar intercultural

As diferenças culturais que permeiam a escola contemporânea são os maiores desafios atuais, diante a necessidade de serem contempladas, afirmadas e respeitadas. Apesar da notoriedade da existência da pluralidade cultural, o sistema educacional ainda está pautado nos princípios de igualdade e da monoculturalidade tendo por base apenas um tipo de cultura como predominante, não conseguindo ainda constituir a escola sob o princípio do multiculturalismo. E assim passamos longe de uma proposta intercultural.

A discussão intercultural é uma necessidade para a sociedade visto que a cada dia se torna mais notório o caráter multicultural entre os sujeitos. Desse modo, Perucci (1999, p. 7) afirma:

Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? Houve um tempo que a resposta se abrigava segura de si no primeiro termo da disjuntiva. Já faz um quarto de século porém que a resposta se deslocou. A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envoltos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se em ritmo acelerado e perturbador, a consciência de que nós, os humanos, somos diferentes de fato [...], mas somos também diferentes de direito. É o chamado direito da diferença, o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. *The right be different!!!* Como se diz em inglês, o direito à diferença. Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros.

As diferenças culturais que subjetivam grupos e indivíduos são formadas por uma cultura própria, que, após o contato com outras, se transforma e se enriquece de novos valores. É dessa forma que a interculturalidade se destaca: ela não exalta uma cultura específica como verdadeira, mas compreende a diversidade, os diferentes modos de pensar e agir dos grupos e indivíduos; não se sobrepõe, mas se agrega e se enriquece, sem que seja perdida a singularidade individual, enriquecida por novas formas de ver, agir e ser.

As questões levantadas pelas exposições culturais quanto às relações étnico-raciais, de gênero, sexualidade, pluralismo religioso, entre outros, são destacadas por Candau (2012) como assuntos polêmicos que geram grandes discussões e diferentes pontos de vista acarretando em reações de intolerância e discriminação. Nesta ideia, as escolas não devem se mostrar impotentes diante de temas como pedofilia, zoofilia. É preciso saber falar sobre estes temas, sem expor a criança e o jovem a experiências do

gênero, é preciso de forma gentil e firme saber lidar com estas questões.

Na avaliação de Candau (2012), para que seja possível proporcionar uma mudança de paradigmas que promovam a sensibilidade e a mudança de olhares acerca da pluralidade cultural que compõe a escola, os professores devem ser estimulados a essa mudança inicial, partindo da constatação de si mesmos, realçando sua própria aceitação de diferença e identidade cultural, visto que a partir do momento que as próprias identificações culturais são reconhecidas se dá a abertura para a construção aos demais.

A partir da mudança de olhares do próprio professor, suas práticas poderão ser aprimoradas, nas quais seja incluído o reconhecimento das diferenças de gênero, sexualidade, cultural, ou seja, o aluno como um todo possa ser incluído e sua subjetividade possa ser respeitada, de forma a naturalizar assim o multiculturalismo que constitui o espaço escolar. Para Candau (2012), a educação intercultural precisa de um enfoque integrador, um enfoque global que deve incluir os atores, as dimensões do processo educativo, os diferentes âmbitos em que a educação se desenvolve: o currículo, a escola, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extra classe, o papel do professor e a relação com a comunidade e com a sociedade.

Nesse sentido, registramos que ainda é longo o caminho a ser traçado, sendo fundamental uma desconstrução histórica da constituição da escola, desde os primórdios na hegemonia e igualdade. Este-reótipos não devem ser bem-vindos, e a cultura deve ser local de encontros multidisciplinares, enriquecendo os conteúdos curriculares.

Diante das exigências sociais atuais, o pluralismo cultural ganha destaque e para a conquista de uma escola democrática, justa e contemplativa a todos, faz-se necessário adquirir este novo olhar no qual se promova a igualdade e a proteção dos vulneráveis, sem negar as igualdades e diferenças que compõem o âmbito escolar.

Considerações Finais

Este artigo buscou compreender e sensibilizar que, mais que uma censura às exposições artísticas, a promoção da arte, da cultura e da afirmação das diferenças e do multiculturalismo ainda são os maiores desafios existentes na sociedade atual, que precisa aprender a respeitar o outro, a dialogar e proteger os públicos vulneráveis, sem jogá-los à própria sorte.

O trabalho bibliográfico desenvolvido, que tornou possível uma revisão literária, viabilizou-nos a visão de diferentes âmbitos da sociedade, pontuando a relevância da ressignificação da arte na cultura e na educação.

É fundamental rever os critérios de debate e reflexão, principalmente no que tange ao respeito e aceitação das diferenças, e não se manter omissos a temas que ainda são vistos e generalizados como “tabus”. É preciso educar as crianças protegendo-as de experiências que possam marcar a sua personalidade com traços que possam prejudicar o seu desenvolvimento. Educar, estimular o reconhecimento e respeito ao outro de forma integral e universal e proteger as crianças e jovens deve ser o axioma da escola e dos professores no século XXI.

Os desafios da educação ainda são gigantescos frente a esta realidade, porém possui a ferramenta mais valiosa para a modificação desse quadro: “o conhecimento”, que não deve ser limitado ao cognitivo e sim à valorização do ser humano como um todo.

É na escola em que as diferentes culturas se encontram e frente a elas é permitido o encontro com o Não-Eu e conseqüentemente à constituição própria.

Incentivar a aprendizagem e proporcionar a cultura através do olhar sensível é o norte para uma educação intercultural, que se permita à experiência e à integração das diferenças, em que possa compreender que ninguém é dono do saber, pois é na relação com o outro que estamos sempre em um processo de reconstrução da nossa identidade e saberes e devemos proporcionar a construção de uma sociedade mais multicultural, justa e igualitária.

Concluimos assim que é essencial que o professor seja sensível e reveja suas próprias práticas e metodologias usadas em sala de aula, ficando atento a não aceitar a realidade atual como pronta e acabada, o que permite a constituição da verdadeira mudança social, política e educacional.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**, trad. W. Leo, São Paulo: Paz e Terra, 1995b.
- AZIBEIRO, Nadir Esperança. Educação intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares. In: FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Educação intercultural**. Mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). **Sociedade, educação e cultura(s):** questões e propostas. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- _____. **Didática crítica intercultural:** aproximações. Petrópolis: **Vozes**. 2012.
- _____. Direitos humanos: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: PUC, v. 13 n. 37 jan./abr. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>>. Acesso em 21 nov. 2017.
- _____. Educação Intercultural na América Latina: tensões atuais. CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA (CIHELA), 2009. Rio de Janeiro: PUC, s.d. Disponível em: <http://www.edu.puc-rio.br/gecec/downloads/03_Edu_Intercultural_na_AL.pdf> Acesso em: 18 set. 2018.
- _____. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**. [online] v.46 n.161 p.802-820 jul./set. 2016. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742016000300802&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 18 set. 2018.
- LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. Direito constitucional: curso de direitos fundamentais. 3.ed. São Paulo: Método, 2008
- OLIVEIRA, Rodrigo Cássio de. Caso Queermuseu mostra que são tempos de intolerância. Da direita, mas também da esquerda. **El País**. Publicada em 14/09/2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/politica/1505394738_622278.html> Acesso em: 21 nov. 2017.
- PERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999